

A relação que os especialistas açorianos estão a temer

Água do mar nos Açores está a 17 graus podendo atingir os 18 graus, o que corresponde a um a dois graus acima da temperatura do ano passado

“Estas não são boas notícias nem para os Açores nem para o mundo de uma forma geral, uma vez que “um aumento da intensidade implica ventos mais fortes e maior agitação marítima, e como vivemos em ilhas acabamos por sofrer não só com os ventos fortes mas também com a agitação do mar”.

porque isto pode acontecer. Não quer dizer que aconteça, mas que há uma possibilidade grande de vir a acontecer, há. A meteorologia avisa sempre com uma certa antecedência, mas às vezes pode não dar tempo para tudo, como no caso do Lorenzo que estragou um porto e não se poderia fazer mais nada a não ser retirar de lá os barcos”, explica.

“Há vários factores que determinam a passagem de ciclones”, diz Carlos Ramalho

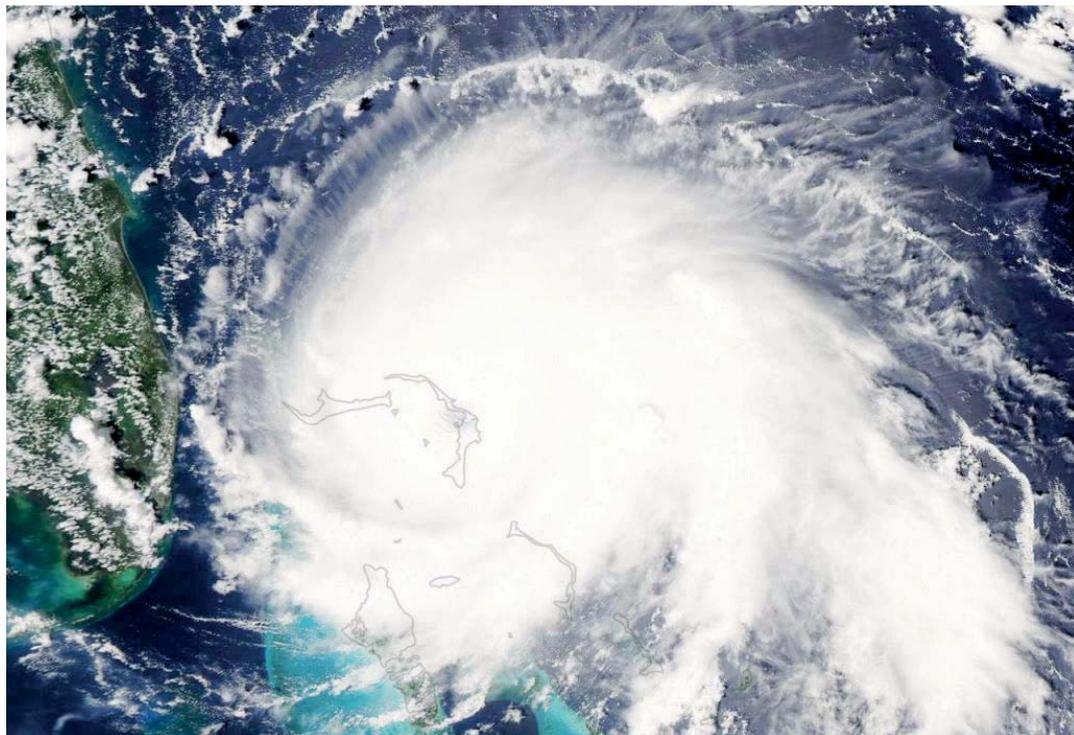
A concordar com esta teoria está o Delegado regional nos Açores do IPMA, uma vez que há “fenómenos meteorológicos que estão associados à temperatura da água do mar”, nomeadamente “os ciclones tropicais que afectam os Açores”, que podem ir desde as tempestades tropicais até aos furacões.

No entanto, recorda que para além da temperatura da água do mar há também um conjunto de factores que influenciam a passagem destes fenómenos na Região bem como a sua intensidade.

“A intensidade de um ciclone tropical depende de vários factores, no fundo depende da temperatura da água do mar quanto mais elevada ela for, especialmente acima de 26°C e se ocorrer a sul do arquipélago tem impactos também na nossa Região, mas por outro lado temos o conteúdo do vapor de água na atmosfera e, ainda, o vento em altitude, a diferentes níveis da atmosfera.

Se a temperatura da água do mar for mais elevada, isto pode fazer com que os ciclones tropicais sejam mais intensos. No entanto, é preciso conjugá-lo com outros factores, por exemplo, os ventos em altitude ou o conteúdo do vapor de água na atmosfera”, diz o delegado regional.

Por exemplo, se um ciclone tropical for surpreendido por uma intrusão de ar seco, explica, este irá diminuir de intensidade mesmo que a temperatura da água do mar se encontre elevada, mesmo sendo



O furacão 'Lorenzo' destruiu o ano passado o porto das Lajes das Flores. Este tipo de tempestade pode vir este ano com mais força

este uma das principais condições que determina a intensidade dos fenómenos climáticos em questão.

Nos Açores, conforme já foi referido, a água do mar encontra-se a uma temperatura de 17°C (podendo atingir os 18°C em algumas alturas do dia), “uma temperatura um pouco alta para aquilo que é normal” mas que não pode ser comparada com a temperatura que atinge o mar noutras latitudes, nomeadamente em Portugal continental, uma vez que no Algarve as temperaturas têm vindo a ser semelhantes, explica Carlos Ramalho.

“As temperaturas da água do mar no continente, apesar de estarmos à mesma latitude, não podem ser comparáveis com as nossas porque tem também a ver com as correntes oceânicas, como por exemplo com a nossa proximidade à corrente do Golfo, especialmente as ilhas do Grupo Ocidental.

Por outro lado, no continente existem outros fenómenos que têm alguma influência do Mediterrâneo no Algarve, e na costa ocidental também existe outro fenómeno que ocorre muitas vezes no Verão, o Upwelling, que faz com que a temperatura da água do mar seja mais baixa do que nos Açores, e isto apesar de estarmos à mesma latitude, por isso é algo que não pode ser comparado directamente”, explica.

O mesmo número de fenómenos mas com maior intensidade

Com o aumento da temperatura a nível global, incluindo tanto o aquecimento da temperatura do ar como o aquecimento dos oceanos, os cenários climáticos dos próximos anos, conforme refere o meteorologista do IPMA, adiantam que podem surgir não só “mais condições para a ocorrência de ciclones tropicais” como um aumento da intensidade dos mesmos.

“No cenário das alterações climáticas, o que os modelos também nos dão em relação a ciclones tropicais é que não se prevê propriamente um aumento no número de ciclones tropicais ou furacões, prevê-se sim que dentro do mesmo número de furacões seja mais frequente que eles sejam mais fortes”, indica.

Assim sendo, estas não são boas notícias nem para os Açores nem para o mundo de uma forma geral, uma vez que “um aumento da intensidade implica ventos mais fortes e maior agitação marítima, e como vivemos em ilhas acabamos por sofrer não só com os ventos fortes mas também com a agitação do mar”.

A par da prevenção que pode ser feita consoante a aproximação de ciclones ou furacões, Carlos Ramalho adianta que, uma vez que estes são fenómenos que ocorrem em todo o mundo, há também

esforços que devem ser feitos em conjunto e que não dependem apenas das acções políticas.

“Há alguns aspectos que são a nível político e outros que são de todos nós no nosso dia-a-dia. Não podemos deixar tudo para cima da classe política e temos que alterar algumas coisas na nossa forma de viver, poluir menos, consumir menos – sobretudo combustíveis fósseis.

Depende muito de nós mas temos que fazer tudo em conjunto e no mundo inteiro porque na atmosfera não existem fronteiras, o que fazemos num lado tem efeito naquilo que acontece no outro, está tudo interligado”, lembra o meteorologista.

Neste estado de emergência, embora o país e o mundo esteja a funcionar com “serviços mínimos”, o delegado regional do IPMA refere que a paralisação que hoje acontece “não é suficiente” para – por si só – reverter os últimos anos de estragos feitos na camada do ozono.

“O que acontece agora não é suficiente porque estamos a falar de efeitos de poluição na atmosfera que duram há dezenas de anos. Este foi, no fundo, um pequeno respirar do planeta mas não é de forma nenhuma suficiente porque quando passar esta situação nós vamos voltar à nossa vida normal”, conclui.